

Robério Braga

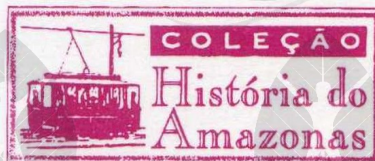
Titulares da Academia

Ramayana Chevalier

Paulo Eleuthério

Huascar de Figueiredo

FUNDAÇÃO LOURENÇO BRAGA



Perfis Acadêmicos 1





TITULARES DA ACADEMIA

Ramayana de Chevalier

Paulo Eleuthério

Huascar de Figueiredo

AmM
0138

ROBÉRIO BRAGA

TITULARES DA ACADEMIA

Ramayana de Chevalier

Paulo Eleuthério

Huascar de Figueiredo



Coleção HISTÓRIA DO AMAZONAS
Perfis Acadêmicos 1

Fundação Lourenço Braga
Manaus - 1997

Copyright ©1997 Fundação Lourenço Braga

Revisão: Antônio Valente

Capa: Óscar Ramos.

Editoração: Editora Manaus
A F Suano da Silva
Rua dos Cravos, casa 07 – Conjunto Tiradentes - Aleixo
Fone: (092) 644-2410

Edição de agosto de 1997, 328º ano da Fundação de Manaus

Ficha catalográfica
Elaborada pela Editora Manaus

Braga, Robério dos Santos Pereira, 1951-
Titulares da Academia: Ramayana de Chevalier, Paulo
Eleuthério, Huascar de Figueiredo/Robério dos Santos
Pereira Braga. Manaus: Fundação Lourenço Braga, 1997.
35 p. 21 cm (Coleção História do Amazonas. Perfis
Acadêmicos, 1)

1. Manaus (cidade) - História I. Título.

CDD 981.2

CDU 981(811.31)

Impresso no Brasil
Printed in Brasil

NOTA DO AUTOR

O desdobramento da coleção História do Amazonas em assuntos específicos tem por objetivo torná-la essencialmente didática, facilitando o trabalho do estudioso ou do pesquisador.

Assim, a série **Perfis Acadêmicos** vai reunir estudos biográficos e indicações bibliográficas dos membros fundadores e de todos os titulares da Academia Amazonense de Letras, sem precedência de qualquer ordem, frente às dificuldades de material informativo.

A série é fundamentalmente informativa e vai ocupar-se de todos os acadêmicos, desde 1918 até 1996, ano em que temos a oportuni-

dade de ver a Casa de Adriano Jorge com seu quadro social quase completo.

A despeito de muitos dos acadêmicos, o material bibliográfico é por demais escasso e ainda mais raras as informações de cunho pessoal. Levantá-las será trabalho de verdadeira pesquisa arqueológica, por assim dizer. Mas encaramos o desafio.

Não se trata de um estudo acabado sobre as figuras homenageadas mas de simples informações que temos a honra de transferir a quantos tenham interesse em conhecê-las e, melhor ainda, de completá-las.

RB.



RAMAYANA DE CHEVALIER

Valmiki Ramayana Paula e Souza de Chevalier era amazonense de Manaus, nascido a 24 de setembro de 1909, da linhagem de José Chevalier Carneiro de Almeida e da professora Raimunda de Paula e Sousa de Chevalier. Ele, fundador da Academia Amazonense de Letras e seu secretário por muitos anos, organizador do escotismo em nosso Estado e do Instituto Universitário Amazonense onde Ramayana fez os primeiros estudos. Após cursar o Ginásio Amazonense Pedro II, Ramayana fez o vestibular e o primeiro ano de Medicina em Belém, indo concluir o curso na Faculdade da Bahia, em 24 de outubro de 1931, tendo sido o orador da turma, quando “... **criara uma aura de deslumbramento coletivo...**”, como registrou Djalma Batista ao recebê-lo na Academia.

O JONALISTA

De pena ágil, fulminante, inteligente, ganhou fama dirigindo, secretariando ou colaborando com

jornais e revistas de várias capitais brasileiras. Foi redator dos jornais *Diário da Bahia*, *Imparcial*, *O Dia*, *Diário de Notícias*, na terra de Castro Alves. No Rio de Janeiro colaborou em *A Nação*, *O Globo*, *Correio do Brasil*, sendo também redator do *Jornal de Debates*, de caráter nacionalista e de *O Imparcial*. Contribuiu também para as revistas *Festa e Previdência*. Em São Paulo escreveu para a revista *Vanitas*.

Em Manaus foi redator da revista *Cabocla*, sob a direção de Genesino Braga, tendo colaborado em *O Jornal*, *Jornal do Comércio* e dirigido *A Gazeta*.

Durante muitos anos serviu como jornalista credenciado na Câmara Federal, no Rio de Janeiro.

O PROFESSOR

Herdou de seus pais a atração pelo magistério, embora não tenha sido neste setor da ativi-

dade pública o seu maior empenho. Lecionou psicologia infantil e educacional, e lógica no Ginásio e na Escola Normal do então Território Federal do Acre; lógica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Amazonas, logo na sua organização, ocupando também a banca examinadora do concurso de habilitação de candidatos ao curso, em português, psicologia e lógica, pela portaria 02/61, de 3 de março daquele ano; lecionou biologia no Ginásio Amazonense Pedro II; anatomia na Escola de Odontologia, e medicina legal na Faculdade de Direito.

VIDA MILITAR

Não foi intensa a sua carreira militar. Consta ter servido na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em Manaus.

Em 20 de abril de 1936 era 1º tenente-médico da Força Policial do Amazonas, classificado por decreto nº 99, daquela data, em virtude da lei nº 55 de 31 de dezembro de 1935. Apresentou-se para o serviço ativo no dia 22 seguinte. Passou a compor a Comissão Médica da Junta de Revisão e Sorteio, a pedido da 8ª Região Militar. Pelo decreto nº 1484 de 1936, registrado no boletim 37, por ato do presidente da Assembléia, no exercício do governo do Estado, foi classificado para capitão-médico da Força Policial do Amazonas, ato que depois foi modificado, em janeiro de 1937, para fazê-lo comissionado no referido posto, no qual foi efetivado em dezembro

de 1947, com base na lei nº 82, de 25 de novembro, parágrafo 1º do artigo 17. Em janeiro de 1948, estando no Rio de Janeiro, foi excluído do quadro efetivo por abandono, por ato do governador, embora poucos dias antes tivesse sido considerado **“ausente legalmente”** conforme boletim de 22 de janeiro de 1948. A 3 de abril de 1951, conforme registro no boletim 76, por despacho do governador, foi reintegrado no posto de capitão-médico do quadro sendo transferido em 13 de abril do mesmo ano para a reserva, no posto de major e em 21 de agosto do mesmo ano reformado como tenente-coronel.

Na condição de médico militar representou o Amazonas em Belém quando da realização do 1º Congresso Médico, em agosto de 1937, e no 1º Congresso Escolar realizado em São Paulo, bem como no 2º Congresso Nacional de tuberculose, efetivado no Rio Grande do Sul, em março de 1944.

Foi regularmente excluído, por morte, do quadro de inativos da Polícia Militar pelo boletim 149, de 8 de agosto de 1972, com base nos registros de seu falecimento pela imprensa.

O ACADÊMICO

Eleito em 1937, para a cadeira de Cruz e Souza, conforme ressalta Djlama Batista, só ingressou na Academia Amazonense de Letras em 1960, sob a presidência do desembargador Le-

ôncio Salignac e Souza, reeleito em 1958 para a cadeira de Euclides da Cunha, sendo recebido por Djalma Batista, em concorrida solenidade a que estiveram presentes diversas autoridades, como o governador Gilberto Mestrinho, o desembargador Arthur Gabriel Gonçalves, na condição de presidente do Tribunal de Justiça, e o prefeito de Manaus, dr. Olavo das Neves. Ramayana tinha 50 anos e assomou à tribuna com as comendas **Campanha do Atlântico Sul**, da Força Aérea Brasileira e **Ordem Nacional do Mérito**, da República do Paraguai. Foi uma festa de grande repercussão social, contando inclusive com a apresentação do C conjunto de Câmara **Orpheus**, e sendo inteiramente filmada pelo dr. Antônio Madeira, então secretário da Fazenda. Foi sucedido por Cláudio Araújo Lima em 16 de fevereiro de 1972, eleito com 20 votos e recebido na Academia por Genesino Braga.

De seu livro *No Circo sem teto da Amazônia*, lançado em 1935, para indicá-lo escritor com grandeza, Djalma extraiu o seguinte trecho:

“Só há uma monstruosidade nesta selva: a água. Ela sim, é enorme, solapadora, infiltrante, voraz. É a hidromedusa. A terra é uma condescendência dela. As árvores são encharcadas dela. Água em caudal: o rio. Água em revolta: a pororoca. Água em êxtase: o lago. Água em grangrena: o igapó. Água em

dispnéia: o furo. Água em turbilhão: o salto. Água em delírio: o rebojo. Água em tortura: a lama. Água alegre: a corredeira. Água triste: o charco. Água em triunfo: o delta. Água humilde: a fonte. Água hipócrita: o remanso. Água vaidosa: a onda. Água em noivado: a espuma. Água em absurdo: a Amazônia”.

Escolhera bem. É a dimensão do escritor na própria dimensão da Amazônia.

Foi orador na solenidade da Academia que homenageou seu pai e um dos fundadores da entidade, José Chevalier, em 4 de maio de 1940, sob a presidência de Adriano Jorge.

A OPINIÃO DE CONTEMPORÂNEOS

Djalma Batista, com a compreensão do mundo que lhe era peculiar, em seu trabalho *Letras da Amazônia*, assim se expressou sobre Ramayana:

“O forte de Ramayana, porém, a meu ver, está nas definições, no quadro conciso e preciso quanto aos contornos principais, na frase que tudo resume...”

Tratava da apreciação da obra majestosa *No Circo sem teto da Amazônia*.

De igual modo, Péricles de Moraes, no seu *Os intérpretes da Amazônia*, analisa o autor e a obra antes referida, com a seguinte expressão:

“O livro do jovem médico amazônense acusa-lhe, de súbito, a cultura superiormente selecionada e absorvida, cultura humanística realmente invejável, nesta época atroz de enciclopedistas improvisados...”

Quando de sua morte, na edição do *Jornal do Comércio*, Gênesino Braga, com precisão de mestre, traça-lhe os contornos literários e o Clube da Madrugada registra a sua tristeza em nota oficial de primeira página, comparando a morte do jornalista com o vulcão que representava Afrânio de Castro, de quem os **modernistas** festeja-

vam o aniversário quando conheceram da infamta notícia.

OUTRAS ATIVIDADES

Integrou o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a Sociedade de Psiquiatria, Criminologia e Medicina Legal da Bahia, o Clube da Madrugada em Manaus, e foi diretor do Departamento de Administração e Serviço Público do Estado, atual Secretaria da Administração, quando do primeiro governo do professor Gilberto Mestrinho (1958-1962).

A MORTE

Faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de agosto de 1972, deixando viúva a senhora Neuza Magalhães Cordeiro de Chevalier, os filhos Stanley, Ronald, Scarlat Moon e Bárbara Beatriz, além de 6 netos.

BIBLIOGRAFIA

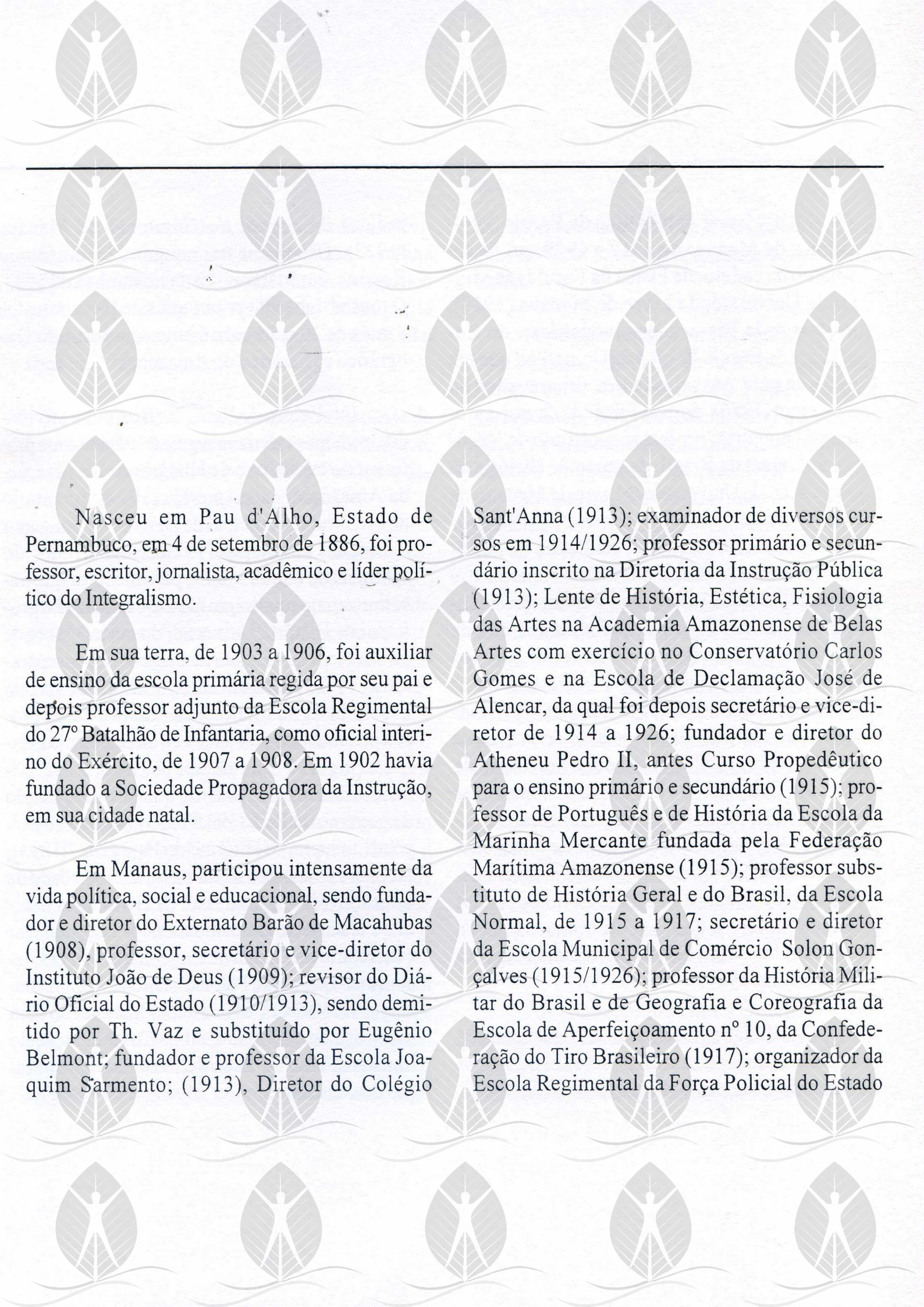
Recolhida na imprensa diária de Manaus, forneço a seguir uma primeira listagem da contribuição bibliográfica de Ramayana de Chevalier que merece ser ampliada:

- *Oração*. Revista da Academia. 1932.
- *No Circo sem teto da Amazônia*. 1935.
- *O Ano-Novo do homem velho*. Cabocla. Manaus, dezembro, 1936.
- *Conselhos a uma mulher bonita*. Manaus, junho, 1936.
- *Conselhos a uma "miss"*. Manaus, julho, 1936.
- *Discurso na Câmara Municipal de Manaus*. 1º Centenário de Carlos Gomes. 1936.
- *Uma Educação total*. Anuário do Ginásio. Manaus. 1936.
- *O Estouro da borracha*. O Jornal. 04 de janeiro de 1936.
- *Da Humildade*. janeiro, 1936.
- *Irmão leproso, até logo!* Manaus, setembro, 1936.
- *Missa negra a canto coral de Jacamim*. Manaus, fevereiro, 1936.
- *Pirarucu e Bacalhau*. Manaus, novembro, 1936.
- *Sociedade e domicílio*. O Jornal. nº 1672.16 de março de 1936.
- *Sonho Humano*. Cabocla. Manaus, maio, 1936.
- *O Carnaval do homem triste*. Cabocla. Manaus, fevereiro, 1937.
- *Uma Luz na floresta*. Cabocla. Manaus, junho, 1937.
- *Plantadas de Civilizações*. Manaus, agosto, 1937.
- *Rockefeller Foundation*. Cabocla. Manaus, abril, 1937.
- *Minha Capital*. Revista Agronômica. Ano 2, páginas 82/85, março, 1938.
- *O Angustiado paisagista*. O Jornal. Ano 10, nº 3050, 30 de julho de 1940.
- *Baudelaire: O sereno revolucionário*. O Jornal. Ano 10, nº 2071, 01 de janeiro de 1940.

- *O Filho da terra. O Jornal.* Ano 10, nº 2882, 14 de janeiro de 1940.
- *Fronteiras.* 1940.
- *Um Grande mal sem remédio definitivo: tuberculose.* 1940.
- *Meditações à luz de um abat-jour. O Jornal.* Ano 10, nº 2935, 17 de março de 1940.
- *Ensaio de uma parapsicologia da Amazônia.* Imprensa Pública. 1941. 40 páginas.
- *Traços de um grande Presidente* (Campo Salles). 1941.
- *O Discurso do Amazonas moderno,* 1951.
- *O Dia, a noite e o tempo.* (inédito).
- *O Futuro do látex.* Revista Agronômica.
- *Luar sobre os túmulos.* (inédito).
- *O Caso de um destino.* (inédito).
- *Vitória-Régia. Cabocla.* (4)



PAULO ELEUTHÉRIO



Nasceu em Pau d'Alho, Estado de Pernambuco, em 4 de setembro de 1886, foi professor, escritor, jornalista, acadêmico e líder político do Integralismo.

Em sua terra, de 1903 a 1906, foi auxiliar de ensino da escola primária regida por seu pai e depois professor adjunto da Escola Regimental do 27º Batalhão de Infantaria, como oficial interino do Exército, de 1907 a 1908. Em 1902 havia fundado a Sociedade Propagadora da Instrução, em sua cidade natal.

Em Manaus, participou intensamente da vida política, social e educacional, sendo fundador e diretor do Externato Barão de Macahubas (1908), professor, secretário e vice-diretor do Instituto João de Deus (1909); revisor do Diário Oficial do Estado (1910/1913), sendo demitido por Th. Vaz e substituído por Eugênio Belmont; fundador e professor da Escola Joaquim Sarmiento; (1913), Diretor do Colégio

Sant'Anna (1913); examinador de diversos cursos em 1914/1926; professor primário e secundário inscrito na Diretoria da Instrução Pública (1913); Lente de História, Estética, Fisiologia das Artes na Academia Amazonense de Belas Artes com exercício no Conservatório Carlos Gomes e na Escola de Declamação José de Alencar, da qual foi depois secretário e vice-diretor de 1914 a 1926; fundador e diretor do Atheneu Pedro II, antes Curso Propedêutico para o ensino primário e secundário (1915); professor de Português e de História da Escola da Marinha Mercante fundada pela Federação Marítima Amazonense (1915); professor substituto de História Geral e do Brasil, da Escola Normal, de 1915 a 1917; secretário e diretor da Escola Municipal de Comércio Solon Gonçalves (1915/1926); professor da História Militar do Brasil e de Geografia e Coreografia da Escola de Aperfeiçoamento nº 10, da Confederação do Tiro Brasileiro (1917); organizador da Escola Regimental da Força Policial do Estado

(1918); professor catedrático da Escola Agrônômica de Manaus de 1912 a 1929; professor adjunto da cadeira de Física da Faculdade Militar da Universidade Livre de Manaus (1919); Professor de História das Indústrias e do Comércio, da Escola Prática de Comércio, que era mantida pela Associação dos Empregados no Comércio (1926), da qual foi ainda diretor e professor honorário; professor substituto de História Universal do Brasil, do curso de História da civilização da Universidade Livre de Manaus, da Faculdade de Ciências e Letras, (1919); professor substituto e depois, catedrático de História Universal e do Brasil, do Ginásio Amazonense Pedro II (1918/1934); fundador e vice-presidente da Legião Amazonense de Escoteiros, filiada à Associação Brasileira de Escoteiros, em São Paulo (1918); organizador e secretário da 1ª Conferência do Ensino no Amazonas (1923); fundador e organizador da Associação Amazonense de Professores (1924); fundador e Secretário do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (1918/1922), fundador e secretário geral da Associação Vulgarizadora do Ensino no Amazonas (1921/1926); subsecretário geral da Universidade Livre de Manaus (1924/1926). Foi orador da Liga Protetora da Pobreza, Manáos (1914), quando falou sobre **A Pátria e a Caridade**, em 5 de abril de 1914.

Foi ainda representante do Amazonas na Associação Brasileira de Ensino (1929), inspetor escolar do Município de Manaus (1925/1929),

redator do *Jornal do Comércio* de Manaus (1912). Discursou na inauguração do museu Rondon, em Manaus, 10 de novembro de 1923. O museu tinha 900 peças, mais de 100 machados e mais de 20 colares, e é hoje o do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Em Belém do Pará, dentre outras atividades, podemos referir as seguintes: fundador e professor do curso livre de História da Civilização, da Amazônia, e da América (1924); secretário da Prefeitura Municipal de Belém e organizador do ensino municipal (1928); organizador do aprendizado Palma Muniz, para menores que trabalhavam no município (1928); fundador e professor de História Universal, do curso Visconde de Mauá, para a Escola de Engenharia (preparatório) 1930; professor interino de Botânica, da Escola de Agricultura e Veterinária (1924); professor substituto de Física e Mineralogia da mesma escola (1931); professor de História da Civilização do Ginásio Paraense quando à disposição do governo do Pará (1931/1933); secretário perpétuo do Instituto Histórico do Pará (1927/1934); fundador e membro da diretoria da Sociedade de Educação (1933); professor de História do Instituto Paraense de Humanidades (1931); fundador e secretário da Escola de Engenharia do Pará, lecionando Economia Política e Direito Administrativo (1913/1934). Foi orador no Instituto do Pará sobre o tema “Pernambuco na Confederação do Equador”, em 2 de julho de 1924, na comemoração do centenário.

No Território do Acre, dentre outras atividades, em 1929 fundou a Associação Acreana de Professores e o Instituto Histórico Geográfico do Acre e, convidado a ser diretor da Instrução Pública, pelo governador Hugo Carneiro, não aceitou.

Foi fundador da Academia Amazonense de Letras, em 1918, na poltrona de Joaquim Nabuco, nº 24, sendo sucedido por Sadoc Pereira e depois por Aderson Dutra, atual ocupante.

Na Academia Paraense de Letras, ingressou na poltrona de nº 26, de João de Deus Rego, tendo sido eleito inicialmente para a poltrona do padre Antônio Vieira, em 1935, durante a presidência de Oswaldo Orico. Com a reorganização em 1940, passou para a de nº 26, em 17 de fevereiro de 1947. Foi secretário de 1940 a 1942, e bibliotecário de 1944/1945, presidente de 1949/1950, 1950/1951, eleito para o cargo pela primeira vez em abril de 1949. Foi sucedido na Academia Paraense por Líbero Luxardo, empossado em 21 de abril de 1951. Sob sua presidência a Academia Paraense comemorou os centenários de Ruy Barbosa e de Joaquim Nabuco, em cuja solenidade foi orador Venâncio Neiva.

Na Universidade de Manaus presidiu, em 28 de maio de 1913, a reunião de homenagem à maçonaria, como aluno do 2º ano de agronomia, depois de um desfile pelas ruas da cidade a partir da praça da Saudade, em que os estudantes fo-

ram acompanhados por banda de música. Era uma questão local entre a maçonaria e dom Rodrigo Costa.

Pertenceu ainda a outras entidades culturais: Instituto Histórico do Acre, do Amazonas, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, São Paulo e Academia Pernambucana de Letras, Associação Brasileira de Imprensa e vice-presidente da Comissão Estadual do Pará, do Instituto de Educação Ciência e Cultura, IBECC, eleito em 5 de novembro de 1949.

Neto do professor José Eleuthério da Silva, natural de Pernambuco, mas que viveu no Ceará, e filho do professor Aureliano Eleuthério Alvares da Silva, natural do Ceará, mas residente em Pernambuco. Foi ouvinte em 1910 na Faculdade de Direito de Manaus, e em 1916 esteve matriculado no 1º ano do mesmo curso, formando-se em direito em 1920, na turma de 25 bacharéis, ao lado de João Corrêa, Octaviano Melo, Washington Mello. Foi o 1º secretário do Club de Engenharia em março de 1920, Engenheiro Agrônomo formado em Manaus, e Engenheiro Rural, Honoris Causa, da Universidade Livre de Engenharia do Rio de Janeiro.

Foi condecorado com a Ordem Boliviana do Condor dos Andes, e Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, de Portugal. Foi chefe Provincial do Integralismo no Pará e coorde-

nador do movimento em toda a Amazônia brasileira.

Foi ainda redator e secretário da *Folha do Norte*, em Belém, e de *O Radical*, em Belém, diretor de *O Norte*; ao lado de Pereira de Queiroz (1912).

Em Manaus, morou na vila Augusta. nº 9, Igarapé de Manaus.

Sua bibliografia é vasta, além do mais na imprensa, da qual damos a seguir, parte levantada até agora, como referência de sua produção intelectual, em que tratava de temas os mais variados. No artigo sobre Maurício de Nassau, que os pernambucanos reverenciam, Paulo Eleuthério escreveu, no *O Jornal*, em julho de 1936:

“... é nome que o pernambucano começa desde menino a pronunciar com admiração e simpatia...”

Nassau não prestou serviços ao Brasil?

Concordo. Mas prestou-os e muitos; muitíssimos a Pernambuco, a quem somente diz respeito a comemoração de janeiro de 1937.

Pernambuco estima a recordar em Nassau um dos pró-homens de sua história, onde penetrou por feitos ilustres...”

Sobre o Círio de Nazareth, em Belém, festa religiosa que há séculos movimenta os fiéis, faz uma descrição minuciosa da procissão partida da praça Frei Caetano Brandão, finalizando, em artigo no *O Jornal*, em outubro de 1936:

“... quando terminaram os atos religiosos, a cidade que toda estava atraída para os sítios em que desfilou a grande romaria, se povoou de novo, de toda a gente, notando-se os romeiros com a alegria nos olhos, satisfeitos por ter cumprido as promessas feitas, enquanto o grande depósito de ex-votos atingia [...] a uma altura como jamais aconteceu...”

BIBLIOGRAFIA

Amazônia Brasileira, celeiro universal de matérias primas. Volume VII.

Ano Novo. Manaus, *O Atheniense*, 30 de janeiro de 1908.

De nababo a mendigo. Manaus, *O Independente*, 20 de setembro de 1913.

Fome, sede, peste e guerra! Manaus, *O Independente*, 20, de setembro de 1913.

O futuro ministério da economia social. s.n.t.

O Independente. Manaus, *O Independente*, 05 de setembro de 1913, Ano 1, nº 1.

Mensagem. Manaus, *Diário*, 05 de setembro de 1909.

Nair (poema). Manaus, *O Palladium*, 23 de janeiro de 1909.

Natal. Manaus, *O Atheniense*, 29 de dezembro de 1907.

Pinheiro Machado. Discurso pronunciado no Teatro Amazonas. Manaus, 08 de outubro de 1915.

ABC do integralismo brasileiro. Belém, *Folha do Norte*, 24 de dezembro de 1933.

Advento e Evolução do Ensino no Brasil. Conferência realizada na Sociedade Paraense de Educação. Manaus, Tipografia Reis, 1934.

Algumas idéias sobre o integralismo. (palestra). Belém, *O Estado do Pará*, 26 de fevereiro de 1934.

Amazônia do futuro, s.n.t.

Annais do 1º Congresso Amazonense de Estudantes. Manaus, 1920.

A caminho de novos rumos. (conferência). Manaus, 09 de novembro de 1933/34.

A capacidade de produtores do Amazonas exige um Museu Comercial. Redenção. Manaus, 1 (1), 1925.

Carta aberta ao povo do Amazonas. Belém, 1924.

Céus, Terra e Águas na Amazônia. Amazônida. Manaus, abril, 1929.

Cidade Cabocla, vestida de verde. Cabocla. nº 1, agosto, 1935.

Descriptorios bandeirantes da Amazônia. Redenção. Manaus, 3 (38), dezembro, 1929.

Emoções do Tocantins. Redenção. Manaus, novembro, 1927.

Ensino Rural do Amazonas. 1923.

Entradas e formação de limites. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. Manaus, 1935/1936.

Entrevistando a Gustavo Barroso. Belém, *Folha do Norte*, 30/31, dezembro, 1933.

- Escorço Histórico da Imprensa do Pará. Revista do Instituto Histórico do Pará.* Belém, 1939/1951.
- Excursão ao Maranhão e Piauí.* Belém, *Folha do Norte*, 21/22, junho, 1934.
- Exortação à mocidade.* Manaus, *Jornal do Comércio*, 07 de agosto de 1934.
- A Folha do Norte. Revista da Academia Paraense de Letras.* Belém 1(1); 11/4, maio, 1950.
- Fontes de História.* Tese de concurso da Cadeira de História Universal e do Brasil do Ginásio Amazonense. Manaus, julho, 1920.
- O futuro ministério da Espanha Nacional.* Tese do Iº Congresso Brasileiro de Economia no Rio Grande do Sul. novembro/dezembro. Belém, Gráfica da Revista Veterinária, 1977.
- Glória a Nabuco.* *Revista da Academia Paraense de Letras.* Belém, (4), março, 1953.
- Guerra e Paz na Mundurucânia* (poema). *Cabocla* Manaus, fevereiro, 1936.
- A Heliodoro Balbi. Redenção.* Manaus, 1(4,5), março/abril, 1925.
- Histórico do ensino da Odontologia no Amazonas.* Manaus, 1928.
- A imprensa ginasiana,* 1925.
- O integralismo no Pará.* Belém, *O Estado do Pará*, 27 de março de 1934.
- Lições e práticas da agricultura.* 1918.
- A Marcha do sigma através do país.* Belém, *Folha do Norte*, 28 de março de 1934.
- Memória histórica sobre os dados relativos aos despojos mortais do General Hilário Gurjão.* *Revista do Instituto Histórico do Pará.* Belém, 1933.
- Memórias de um lidador,* s.n.t.
- Os 90 anos do Ginásio Paraense.* 1931.
- Oração da juventude à Pátria.* (poema). *Revista da Academia Paraense de Letras.* Belém, 1(1), maio, 1950.
- Ouro branco, ouro negro e ouro verde.* Manaus, *Redenção*, novembro, 1927.
- Para a vida ou para a morte.* Belém, *O Estado do Pará*, 28 de junho de 1934.
- Pará e o Planalto Central do Brasil.* Belém, 1948.
- Pela Guiana Brasileira,* s.n.t.
- Pela sistematização dos nossos valores.* *Redenção.* Manaus, novembro, 1924.
- Perspectiva de expansão do ensino técnico.* 1931.
- Pirâmides.* *Revista AAL*, (5), março, 1956.
- Portugal na Amazônia, vocação fé de ofício e pregação de glórias.* *Revista do IGHA,* Manaus, 1937/1938.

Propagação e sementeira da idéia. Manaus, *O Jornal*, 08 de agosto de 1934.

Os que se foram para nunca mais voltar. *Amazônida*. Manaus, 6(56), 1941.

A Reabilitação do Acre. s.n.t.

Regiões florestais do Brasil. X Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1949.

Regulamento do aprendizado Palama Muniz. 1927.

Regulamento do Ensino Municipal de Belém. 1927.

Saudação à Bandeira. Belém, *Folha do Norte*, 29 de dezembro de 1933.

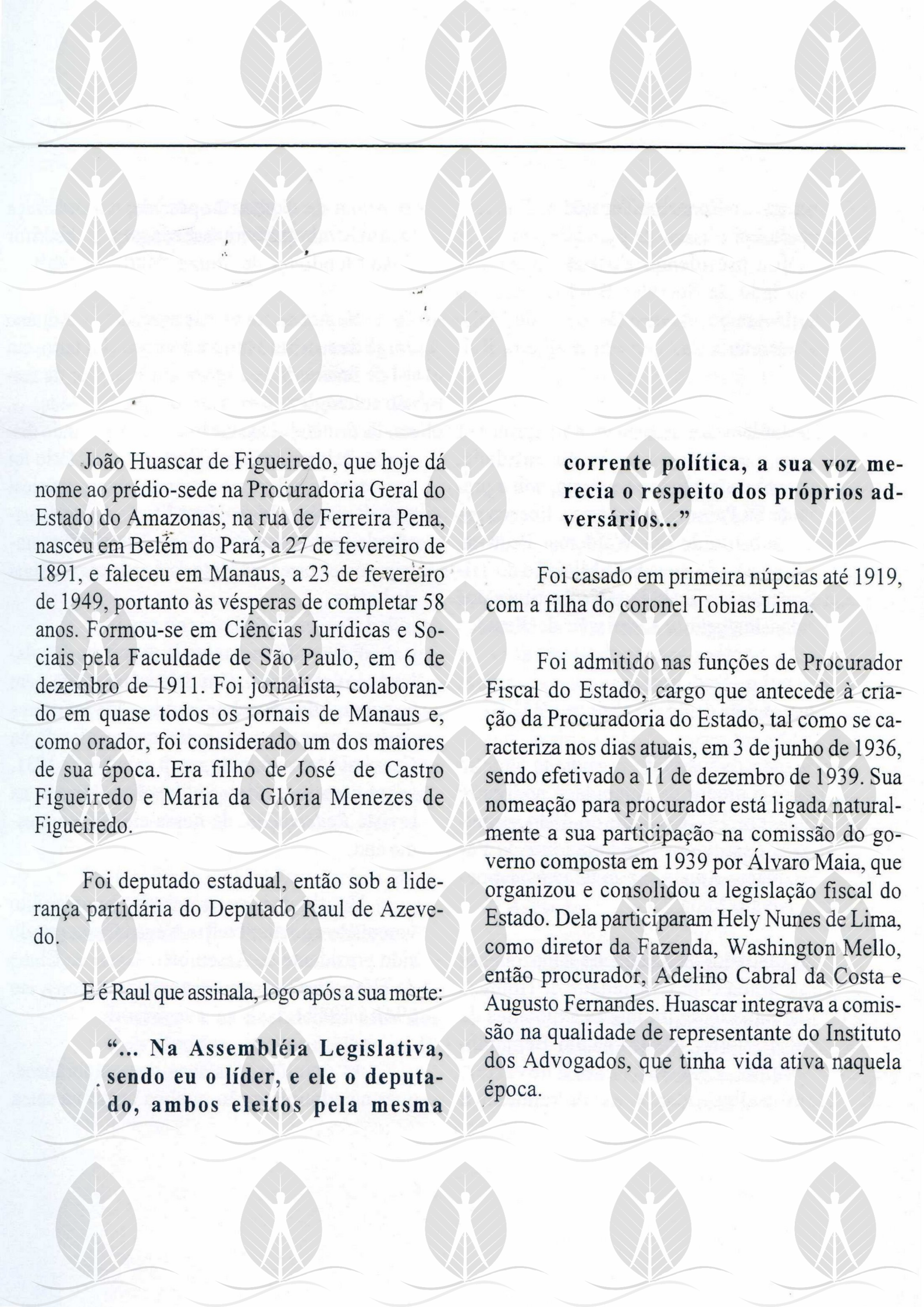
Síntese do Pensamento, Cabocla. Manaus, (4), abril, 1937.

Sobre o ensino e a geografia agrícola. 1918.

A Universidade de Manaus e o seu ensino Agrônomo. 1919.



HUASCAR DE FIGUEIREDO



João Huascar de Figueiredo, que hoje dá nome ao prédio-sede na Procuradoria Geral do Estado do Amazonas, na rua de Ferreira Pena, nasceu em Belém do Pará, a 27 de fevereiro de 1891, e faleceu em Manaus, a 23 de fevereiro de 1949, portanto às vésperas de completar 58 anos. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de São Paulo, em 6 de dezembro de 1911. Foi jornalista, colaborando em quase todos os jornais de Manaus e, como orador, foi considerado um dos maiores de sua época. Era filho de José de Castro Figueiredo e Maria da Glória Menezes de Figueiredo.

Foi deputado estadual, então sob a liderança partidária do Deputado Raul de Azevedo.

E é Raul que assinala, logo após a sua morte:

“... Na Assembléia Legislativa, sendo eu o líder, e ele o deputado, ambos eleitos pela mesma

corrente política, a sua voz merecia o respeito dos próprios adversários...”

Foi casado em primeira núpcias até 1919, com a filha do coronel Tobias Lima.

Foi admitido nas funções de Procurador Fiscal do Estado, cargo que antecede à criação da Procuradoria do Estado, tal como se caracteriza nos dias atuais, em 3 de junho de 1936, sendo efetivado a 11 de dezembro de 1939. Sua nomeação para procurador está ligada naturalmente a sua participação na comissão do governo composta em 1939 por Álvaro Maia, que organizou e consolidou a legislação fiscal do Estado. Dela participaram Hely Nunes de Lima, como diretor da Fazenda, Washington Mello, então procurador, Adelino Cabral da Costa e Augusto Fernandes. Huascar integrava a comissão na qualidade de representante do Instituto dos Advogados, que tinha vida ativa naquela época.

Integrou o Conselho Técnico de Tributos, criado pela Lei nº 169, de 31 de dezembro de 1936, sob a presidência de Hely Nunes de Lima, ao lado de Sócrates Bonfim, Antônio Guedes de Araújo, Álvaro Bandeira de Mello e sob a secretaria de Américo Nogueira Rui-vo.

Na Ordem dos Advogados integrou por vários anos a administração da entidade, notadamente na segunda secretaria, sob a presidência de Sá Peixoto e, em breve licença em 1938, foi substituído por Waldemar Pedrosa, que seria mais tarde Senador e Ministro do Tribunal Superior do Trabalho. No Instituto dos Advogados integrou a Comissão de Estudos Jurídicos e Sociais ao lado de Bernardino de Paiva Rocha. Sua inscrição na seccional amazonense data de 15 de abril de 1932.

Quando da visita do presidente Getúlio Vargas, foi o orador da solenidade no Teatro Amazonas, em 14 de agosto de 1944, representando a Associação dos Funcionários Públicos, enquanto Anísio Jobim falou em homenagem a Álvaro Maia.

Foi fundador da Academia Amazonense de Letras, ainda como Sociedade de Homens de Letras, ao lado de inúmeros expoentes de sua geração, como Álvaro Maia, Benjamin Lima, Nunes Pereira, José Chevalier, Heliodoro Balby. Ocupou inauguralmente a

poltrona de Tomáz Lopes, depois de Graça Aranha, na qual foi sucedido pelo escritor João Mendonça de Souza.

Na Academia foi encarregado por Adriano Jorge de receber Mário Ypiranga Monteiro, em 14 de fevereiro de 1948, e ainda orador da sessão solene de aniversário da cidade de Manaus, em 18 de outubro do mesmo ano, proferindo discursos de grande fulgor. Na posse de Mário foi apresentado belíssimo programa lítero-musical com a pianista Maria José Moraes e declamação de Livi Azevedo e Marly Bitton. Era também sócio correspondente da Academia Acreana de Letras.

Foram inúmeros seus discursos e colaborações em jornal. Um deles, entretanto, tem se sobressaído nos comentários dos escritores de sua época, que é um discurso proferido na Catedral Metropolitana, em 2 de julho de 1931, sobre o ensino religioso, depois publicado na revista *Redenção*, de nossa cidade, no mesmo ano.

Na atividade social esteve sempre muito vinculado ao Atlético Rio Negro Clube, tendo sido presidente da Assembléia Geral do Clube de Flávio de Castro e Aristophano Antony, em 1941 e 1942.

As opiniões dos seus contemporâneos, quer na administração pública como na seara

da intelectualidade, servem para demonstrar seu nível de preparo e sua personalidade. Djalma Batista afirma:

“É espírito de eleição, que resplandece no foro e na imprensa do Amazonas. Senhor de um talento invulgar, escreve artigos e estudos que encantam, pelo primor do estilo e pela própria substância”. (1)

Agnello Bittencourt, em volume de preciosas informações biográficas, assim se refere a Huascar:

“Uma das inteligências mais brilhantes do Amazonas. Pontífice da palavra elegante, burilada, na Academia e nas rodas de elite em que se encontrasse. Possuía um pendor satírico que aplicava, sem reservas, na sutileza de epigramas contudentes”. (2)

Em *Um Rivarol planiciário - Huascar de Figueiredo*, Péricles sentenciou, como sempre com a propriedade que lhe era peculiar:

“... A sua verve era o azorrague que destroçava os desfalecimentos dos mais tímidos, excitando-lhes as fibras nervosas. [...]”

Humorista e humanista de primeira água, [...] não foi apenas um emulo de Rivarol.

[...] a sua veia de repentista causava admiração e assombro”.

E continua o presidente da Academia:

“A beleza da expressão e a segurança do estilo imprimiam às idéias o vigor e as tonalidades rebrilhantes dos grandes prosadores”. (3)

Em expressão síntese, afirmaram os de sua época: **“era um talento sedutor”**, no dizer de André Araújo; **“uma inteligência e uma cultura que a Província inutilizou”**, como quer Djalma Batista; **“um panteista de sentido estático”**, assegura Mavignier de Castro; **“bom, sem os artificios da simulação”**, registra Mithridates Corrêa; **“não conhecia a inércia intelectual”**, assinala Moacyr Rosas; **“foi o último abencerragem do jornalismo amazonense”**, no dizer de Mário Ypiranga Monteiro; e **“era um talento, uma cultura, um palestrador fascinante”**, sintetiza Raul de Azevedo.

Genesino Braga deu a dimensão exata:

“Era um homem que vivia com intensidade o seu destino cheio de certezas e afirmações. Suas produções literárias refletem bem uma indivi-

dualidade que vazou seu prodígio criador, seivoso e novo, nas mais puras expressões de beleza, com grandiosidade e aticismo”. (4)

Em todos que refletiram sua vida e obra, um traço é uniforme: o do **“epigranista impiedoso de todas as obras”**, como traduz Washington Melo, mas os traços humanos, os contornos pessoais, quem os desenha para a posterioridade é Aristophano Antony:

“... Nunca o via insatisfeito e irascível. Nele jamais vislumbrei, mesmo nos instantes das meditações mais profundas, um laivo de desgosto ou uma amargura a se estereotipar na sua fisionomia tranqüila. E que grande magnânimo coração possuía Huascar de Figueiredo! [...]

Causídico, ele foi dos mais notáveis do seu tempo, quando resplandeciam no foro grandes, magníficas cerebrações.[...]

Foi o mais completo jornalista que tivemos, no Amazonas. [...]

A sua vida, um sentido cultural, foi arte literária e foi esplendor”.

Alguns dos conceitos de Huascar podem ser revistos, porque atuais:

“A terra deserta, servindo de berço à localização dos chamados sonhos de riquezas inesgotáveis, tal como existiram nos calendários históricos das épocas das aventuras medievais, é e será ainda, por muitos anos, uma razão política de conquista, um pretexto para expansões colonizadoras, colocando-se as equações e as incógnitas em desfile perante nós, quando, talvez não nos assistam mais as oportunidades de hoje nem nos ocorreram os argumentos atuais de nossa grandeza econômica, na posição internacional que tão bravamente subemos disputar e obter no lance histórico da última guerra universal”.
(5)

Quando de sua morte, em 23 de fevereiro de 1948, governava o Amazonas o ínclito Leopoldo Neves, que determinou fossem todas as despesas do tratamento hospitalar e enterramento custeadas pelos cofres públicos. Na Beneficente Portuguesa, dentre outros, foi atendido por Comte Telles, Rayol dos Santos, Romualdo Seixas e Waldir Medeiros.

O desvelo dos amigos e a atenção do governo levaram a família a agradecer publicamente o carinho de todos, em nota assinada pela viúva, dona Vitória de Figueiredo, e as filhas, Bebe e Clarisse de Figueiredo. (6)

Anísio Jobim, a quem sucedi na Academia Amazonense de Letras, em artigo publicado na imprensa local, assim se expressou a respeito da morte do grande orador:

“Perdeu o Amazonas um de seus maiores juristas, um dos seus advogados mais ilustres e competentes e também mais leais e honrados que perlustraram o Palácio da Justiça. O traço fundamental de seu espírito era a argúcia, a facilidade de dissecar em todas as minúcias o problema que se apresentava à acuidade de jurisconsulto”. (7)

Bem antes, Álvaro Maia, o poeta por excelência, em 1937, registrou em relatório oficial sua opinião sobre Huascar - o Procurador:

“A Procuradoria Fiscal, sob a competência pragmatizada, do dr. João Huascar de Figueiredo, patrulhou, com espírito disciplinador, as ações que lhe ficam subordinadas, sem perseguições nos raros casos executivos em que acordaram as partes e o Estado”. (8)

Registrou também a seguir os 147 pareceres em processos jurídicos de base administrativa que, em nove meses, foram apreciados pelo Procurador.

A Academia prestou-lhe as homenagens fúnebres em sessão de 19 de maio de 1948 na qual foram oradores Mário Ypiranga Monteiro e Félix Valois Coelho Júnior.

Cuida de traduzir - exprimir - a terra e o homem amazônico em vários de seus artigos pela imprensa, e é de *Terras de aluvião* que extraio esta assertiva ainda hoje própria:

“Mas, não é somente a terra úmida das margens que se entrega aos caprichos da volubilidade líquida dos rios e dos igarapés - a sorte dos homens, identificados na mesma fatalidade telúrica, segue os rumos da incerteza, habituando-se ao regime das ciladas e das alcatéias, flutuando nas paisagens, emboladas e adormecidas, seguindo o ritmo variante da natureza, nas suas transformações, amoldando-se a tudo, como se esta fosse a sua maior obrigação”.

A seguir, um primeiro levantamento bibliográfico com publicações na imprensa, estudos jurídicos e literários.

BIBLIOGRAFIA

- *Agravo de Petição de Manáos*, Memorial de Agravante; em co-autoria com Augusto Pamplona. Manáos, Velho Linó, 1919. 30 páginas.
- *Embargos ao Acórdão de Manáos* (Memorial do Embargado) Manáos, Imprensa Pública, 1919, 30 fls.
- *Notas Bibliográficas*. Academia Amazonense de Letras, nº 1, julho, 1920. (Raul de Azevedo: Onde está a felicidade/romance; e Confabulações, crônicas, Lisboa, 1920 - Ailland e Bertrand.
- *Ação Ordinária de Anulação de Testamento*. Memorial. Manáos, Cá e Lá, 1923. 53 páginas.
- *Execução de Sentença; por precatória executória*. Memorial dos exequentes. Manáos, Imprensa Oficial, 1926. 74 Páginas.
- *Um Caso de Acidente de Trabalho*. Memorial de Ré; em co-autoria com Análio de Rezende. Manáos, Velho Lino, 1927. 49 páginas.
- *Perfis Efêmeros* (IV). Redempção, novembro, 1927, Manáos.
- *Seis meses de vida*. Redempção. Manáos, nº 8, 2 de maio de 1931.
- *Discurso sobre o ensino religioso na Catedral*, em 2 de julho de 1931. Revista Redempção, 1931.
- *Discurso*. Academia Amazonense de Letras, fevereiro, 1935.
- *Realidade Brasileira do El-Dorado*. O Jornal. Manáos, Ano 6, nº 1615, página 9, 1º de janeiro de 1936.
- *No terreno das ameaças* (borracha sintética nos EEUU). O Jornal. Manáos, Ano 6, nº 1618, 04 de janeiro de 1936.
- *O Problema Nacional da Amazônia*. O Jornal. Manáos, Ano 6, nº 1621, 08 de janeiro de 1936.
- *A Agonia das Castanheiras*. Cabocla. Manáos, fevereiro, 1936.
- *Horas sagradas de Nazareth*. O Jornal. Manáos, Ano 6, nº 1721, 06 de maio de 1936.
- *A Ofensiva Econômica* (A ressurreição da Amazônia). O Jornal. Manáos, Ano 6, nº 1800, 06 de agosto de 1936.
- *As transformações do bom gosto: sobre Casa Grande e Senzala*. O Jornal. Manáos, 20 de agosto de 1936.
- *Páginas da vida; horas do destino*. O Jornal. Manáos, 26 de setembro de 1936.

-
- *As Razões do Chinês*. O Jornal. Manáos, 28 de setembro de 1936.
 - *Toques de Clarim*. Cabocla. Manáos, setembro, 1936.
 - *A Ditadura no Deserto*. A Selva. Manáos, setembro, 1937.
 - *O Sentido Polêmico do Recenseamento*. O Jornal. Manáos, 11 de agosto de 1940.
 - *Ilusões e Realidades Amazônicas*. Revista da Academia, 1946.
 - *Nas Trincheiras do Deserto*. O Jornal, 28 de abril de 1948.
 - *O Desfile dos Preconceitos*. O Jornal. Manaus, 21 de novembro de 1948.
 - *A Luta da Curiosidade pela Amazônia*. O Jornal. Manaus, 07 de novembro de 1948.
 - *A Revelação de Dois Destinos Fluviais*. O Jornal. Manaus, 14 de novembro de 1948.
 - *Terras de Aluvião*. O Jornal, 19 de novembro de 1948.
 - *Terras de Aluvião*. O Jornal. Manaus, 19 de dezembro de 1948, e Revista Sintonia, nº 71, ano 7, janeiro, 1954.
 - *A Ciranda das Neblinas*. Academia Amazonense de Letras. nº 5, março, 1956. O Jornal. Manaus, janeiro, 1949.
 - *Um Pensador da Amazônia*. (sobre Péricles de Moraes). Revista da Academia Amazonense de Letras. nº 6, páginas 45/47, agosto, 1956.
 - Artigos de Jornal. Rio. SPVEA, 1959, (Coleção Araújo Lima).

NOTA BIOGRÁFICA

Robério dos Santos Pereira Braga nasceu em Manaus a 14 de agosto de 1951, filho da professora Sebastiana dos Santos Pereira Braga e do político, líder sindical e marítimo, e jornalista Lourenço da Silva Braga. É advogado formado pela Universidade do Amazonas em 1974 e pós-graduado em Administração de Política Cultural pela Universidade de Brasília e Organização dos Estados Americanos-OEA, Museólogo e Professor universitário na área jurídica. Já exerceu diversos cargos públicos como Secretário de Estado do Gabinete do Vice-Governador, Chefe de Gabinete do Prefeito de Manaus, Diretor da Fundação Cultural do Amazonas, Presidente da Empresa Amazonense de Turismo, e Coordenador Regional da Amazônia da Fundação Joaquim Nabuco.

Membro de diversas instituições culturais no Estado, no País e no exterior, foi Presidente do

Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Secretário da União Brasileira de Escritores, fundador e primeiro Presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras. É Presidente da Academia Amazonense de Letras e membro do Conselho da Universidade do Amazonas, como representante das entidades culturais. Conferencista, principalmente sobre temas amazônicos, política cultural, turismo e desenvolvimento regional, é autor de inúmeros títulos e prefácios de obras de diversos autores, entre elas a 2ª edição da “*História do Amazonas*” do professor Arthur César Ferreira Reis. É vereador à Câmara Municipal de Manaus, em seu segundo mandato, e Presidente Regional do Partido Republicano Progressista - PRP, tendo sido Presidente da Comissão de Constituição e Justiça por quatro anos, Relator Geral da Lei Orgânica de Manaus e autor de diversas leis de interesse público, e principalmente de toda a estrutura legal para defesa do patrimônio histórico da cidade.

OBRAS DO AUTOR

MANÁOS

1830 - 1834

Manaus, Amor & Sofrimento

Fala Presidencial

Artigos de Jornal

Notícia Histórica de Humaitá

Manicoré

Itaquatiara

Benjamin Constant

Manacapuru

Algumas Reflexões Amazônicas

A Abolição da Escravatura no Amazonas

João Wilkens de Mattos

Joaquim Leovigildo de Souza Coelho

Instituto de Educação do Amazonas - 100 anos

Palácio Rio Negro

Washington Luís em Manaus

Floriano Peixoto em Manaus

Theodoreto Souto

J. J. Seabra em Manaus

Affonso Penna em Manaus

Manuel Nunes Pereira

Ruínas Notáveis

O Amazonas no Senado do Império

Raymundo Monteiro

Dom Frederico Costa

Ramayana de Chevalier, Paulo Eleuthério, Huascar de Figueiredo

Arthur César Ferreira Reis

MANÁOS

1849 - 1859

Lindalva Cruz

Seis Poesias e Ilustrações de Afrânio de Castro



Impresso na
IMPRESA UNIVERSITÁRIA
Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 - Aleixo
Bloco L - Minicampus - Campus Universitário
Fone (092) 644-1610 - 60.077-000 - Manaus - AM



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA